

**GLOBAL FEMINISMS
COMPARATIVE CASE STUDIES OF
WOMEN'S ACTIVISM AND SCHOLARSHIP**

SITE: BRAZIL

**Transcript of Haynará Negreiros
Interviewer: Marisol Fila**

Location: São Paulo, Brazil

Date: June 29th, 2018

**University of Michigan
Institute for Research on Women and Gender
1136 Lane Hall Ann Arbor, MI 48109-1290
Tel: (734) 764-9537**

E-mail: um.gfp@umich.edu

Website: <http://www.umich.edu/~glbfem>

© Regents of the University of Michigan, 2017

Haynará Negreiros nasceu em São Paulo, tem um mestrado em Ciência da Religião pela PUC SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), onde investigou as relações entre indumentária, candomblé e memórias afetivas da comunidade de terreiro Redandá. Haynará é escritora e pesquisadora de linguagens diversas e possui como principais áreas de estudo, estéticas afro-brasileiras e africanas que se manifestam por meio do vestir, moda, religiosidades e memórias de família. Publicou em *Blogueiras Negras*, tem um tumblr chamado *O axé nas roupas*, onde nas suas próprias palavras “realiza um mapeamento de memórias, uma cartografia sobre estéticas afro-brasileiras”. No 2018 foi assistente de curadoria no Red Bull Station, um espaço de experimentação de artes e música no centro de São Paulo. Entre novembro de 2019 e março de 2020 foi curadora da exposição *Indumentárias negras em foco*, resultado de uma parceria realizada entre o Instituto Moreira Salles e o Instituto Feira Preta. Atualmente é professora de cursos no MASP Escola e Adelina Instituto e assina mensalmente a coluna "Negras Maneiras" na *ELLE Brasil*.

Marisol Fila é uma doutoranda em Espanhol e Português em Línguas e Literaturas Românticas pela Universidade de Michigan (EUA). Sua pesquisa explora as articulações entre identidades negras/diaspóricas e nacionais na imprensa digital e impressa do século XXI no São Paulo, Buenos Aires e Lisboa. Marisol também está interessada na Pedagogia Crítica e as Humanidades Digitais e nas maneiras pelas quais a tecnologia e a mídia digital podem servir como uma ferramenta para compartilhar a sua pesquisa com um público mais amplo, mas também para desenvolver projetos digitais em parceria com organizações afro-descendentes de países de língua portuguesa e espanhola.

Marisol Fila (MF): Boa tarde, estamos aqui com Haynará Negreiros. Ela nasceu em São Paulo, tem um mestrado em Ciências da Religião pela PUC São Paulo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Ela é uma pesquisadora de diversas linguagens, e atualmente é assistente de curadoria no *Red Bull Station* que é um espaço de experimentação de artes e música, aqui no centro de São Paulo. Muito obrigada Haynará mesmo.

Haynará Negreiros (HN): Imagina.

MF: Então, eu gostaria de começar a entrevista perguntando um pouco sobre a sua própria experiência de vida, e a sua própria história, e como é que isso fez conexão ou teve impacto em seu trabalho.

HN: É engraçado pensar essa...eu tenho cada vez mais revisitada essa questão das história e das memórias da minha família, né? E pensar que bom, sou uma mulher negra, nascida brasileira em São Paulo, eu brinco que sou paulista com pés no Maranhão porque a minha família paterna é inteira maranhense e todos moram lá, então sou metade maranhense e metade paulista. De 26 anos em que em determinado momento da vida começou a se perguntar, poxa, na escola e eu fiz moda na faculdade, né? E na faculdade eu não consegui encontrar uma reconexão ou uma conexão com nada que dissesse respeito a ancestralidade negra no Brasil. E comecei me questionar sobre isso. Percebi que tinha alguma coisa errada. E na faculdade de moda num momento eu estava me reconhecendo negra então, eu sempre soube que era negra, tenho pele escura, bem escura o cabelo bem crespo então, com pais negros, nunca tive duvida da minha negritude, mas se reconhecer negra é um processo, né? Então se começa a questionar varias coisas, e na faculdade foi esse momento de questionamento e eu comecei a ficar super chateada com o curso não tinha nenhuma referencia em história da arte a gente não estudava nada que dissesse respeito de África nem Egito e quando era Egito, Egito era uma presença botada do continente africano, né?

MF: Com certeza, o Egito é como parte de...

HN: Sim. E aí eu falei assim, tem uma coisa errado aqui e eu queria parar a faculdade, e a minha mãe, acho que uma das pessoas mais responsáveis pela minha formação, foi assim:

“Não Haynará, você não vai parar a faculdade que é super cara, né? Você se forma e depois você vai fazer o que você quiser. E aí eu me formei em 2013 e falei bom, agora quero entender essa relação de moda que é uma coisa que me acompanha desde muito nova, com relações raciais no Brasil. ¿Como é que eu consigo relacionar essas, esses assuntos todos? E comecei a pensar, a pensar nesse meio tempo, eu conheci ao meu atual companheiro que é candomblecista. E aí ele disse, ah vamos a um terreiro. E eu não tinha ido a um terreiro de candomblé. Tinha muita curiosidade e quando ali eu entrei, quando eu cheguei nesse terreiro era uma festa das divindades Luango e de Nvunji. Luango e Nvunji então que são essas divindades do panteão Bantu que estão relacionadas a fartura, a juventude, as matas...são duas divindades distintas que fazem essa festa juntas. Foi em setembro de 2012, nunca vou esquecer. E aí quando eu entrei nessa festa eu falei é isso. Eu percebi ele muito instantaneamente que o terreiro ele é, funcionava como um espaço de reconexão, com vários tipos de ancestralidades negras de matriz africana. Então eu tenho muito isso na minha cabeça. A imagem das mulheres, isso me chamou muito a atenção, são a maioria mulheres negras como eu, totalmente ornamentadas e adornadas com aquelas roupas e joias, e aí eu comecei a identificar aqueles signos, imbuídos nas vestimentas e eu falei, wow. É isso que eu quero estudar. ¿Como é que eu faço? E aí comecei a bater cabeça, a pensar, pensar, pensar. Conheci o curso de ciências da religião na PUC, bati lá na porta, vi que tinha um professor que atualmente é o meu orientador. Que me orientou no mestrado todo. Que era o único professor dentro de um departamento de religião, que se propõe estudar religião, que estudava afro-religiosidades. Nós só tínhamos, só temos um professor. Fui falar com ele e falei assim, o senhor, muito simples, nem ideia de projeto nem nada. Falei, professor eu quero estudar roupas de candomblé como é que eu faço. Venha para aca. E aí então a gente começou um labor, uma conversa para tentar criar esse pré-projeto. Isso no 2015, primeiro semestre de 2015. Passei o segundo semestre então de 2015 fazendo esse projeto junto com ele. Submeti o projeto e passei no primeiro lugar. E aí ganhei uma bolsa porque a PUC é paga e é super cara. Pós-graduação no Brasil é muito cara. Por passar no primeiro lugar eu ganhei uma bolsa, uma bolsa que tinha integral. Então eu fiz o mestrado sem pagar nada, com varias outras dificuldades, né? Eu trabalhava num banco, né? Fazia varias outras coisas. Fazia essas produções, pensando também outros lugares para mim. Porque quando sai da faculdade de moda, eu tentei varias vezes por vários processos

seletivos para trabalhar na área de moda e não consegui. E era muito estranho porque eu pensava, mas ¿o que esta acontecendo?...E era obviamente o racismo que estava ali, arraigado que não me deixou entrar nesse sistema. E eu fiquei feliz inclusive porque eu consegui escapar e criar uma outra perspectiva assim. Então descobri que a pesquisa para mim é muito importante. Essa questão da produção de conhecimento, do conhecimento acadêmico, da escrita é muito importante e aí a gente chega, a gente consegue contar um pouquinho da minha história. Lá para o 2013 que é quando eu começo a escrever no *Blogueiras Negras*. Então eu conheci o *Blogueiras Negras* que é esse portal incrível feito e tocado por mulheres negras do Brasil todo. Um portal, onde ali se propõe conversar sobre varias temáticas que tem como foco principal a figura da mulher negra, enquanto a gente, né? E suas ideias. E aí eu conheci esse portal, conheci a Charo Nunes, que foi uma das primeiras mulheres que começou a movimentar junto com a Maria Rita Casagrande, a Larissa Santiago, né? Que são todas essas, nem sei como elas estão fazendo o projeto hoje. Mas conheci do Facebook e aí era isso, você queria escrever, você mandava um e-mail, tinha uma agendinha e eu comecei a escrever lá e não posso lembrar o primeiro artigo, mas acho que eu escrevi sobre a relação de ser negra com o cabelo super crespo.

MF: Isso, isso. Eu encontrei esse justamente.

HN: Exato. Acho que foi o meu primeiro artigo. Que era justamente essa questão. Então eu sempre fui negra, minha mãe sempre trançou o meu cabelo, minha mãe é uma mulher super bonita, super vistosa. E que sempre se preocupou muito em falar comigo, conversar sobre questões raciais. E sempre me elogiando muito, sempre tentando fazer com que eu crescesse uma mulher, uma menina, mulher que tivesse orgulho de ser negra, de sentir-se bonita, né? Mas mesmo assim eu faço um processo no meu cabelo que a gente chama de relaxamento, que não chega ser um alisamento, mas é um processo químico também, no qual você vai, tem a utopia de soltar os cachos, né? Para quem tem um cabelo extremadamente crespo, né? E mesmo trançando o cabelo e tendo vários penteados afro, eu fazia esse procedimento porque o meu cabelo é crespo demais e eu não queria isso. E aí em 2012 eu resolvi não fazer isso mais sobre meu cabelo, também já estava com essa ideia da movimentação, e aí eu pesquisava muito adaptando o Pinterest, a imagem.

MF: Sim...monte de todas as cores de cabelo.

HN: Eu fiquei muito apaixonada porque sou muito movida da imagem. E aí, Pinterest foi essa época a gente na qual a gente consegue ver muitas imagens, muitas referencias, múltiplas. E eu comecei a pesquisar referencias de mulheres negras parecidas comigo. E aí eu vi muitas mulheres negras carecas. Nesse meio tempo eu conheci uma amiga minha, Tais que ela era uma mulher negra, ela é uma mulher negra, retinta como eu, carequinha. E eu falei, olha que lindo!

MF: Que lindo, sim.

HN: Raspei a minha cabeça. E de novo a minha mãe participou desse processo, no qual ela cortou o meu cabelo, a gente não tinha nem maquina, eu fui cortando com a cissura. E eu fiquei carequinha. Eu fiquei carequinha um tempo e quando eu comecei deixar o meu cabelo crescer de novo na minha cabeça, eu vi como meu cabelo era crespo. E aí me veio o conflito de estar cada vez mais pensando negritude-estética negra através do corpo, através do cabelo, através da vestimenta, mas ali me veio o conflito de não estar satisfeita com o meu tipo de cabelo. Porque a carequise acabou sendo uma forma também de eu camuflar o meu cabelo.

MF: Embora no começo você pensasse não, é como...

HN: É uma libertação....

MF: Exatamente.

HN: Total. E aí que o meu cabelo começou a crescer de novo, foi ay...eu preciso escrever, e a escrita permite, é esse lugar que eu consigo uma forma, de alguma forma trabalhar essas trapas, né? Essas questões. E aí eu comecei a escrever sobre isso, e é quando eu fiz alguns outros artigos e o *Blogueiras* foi esse espaço, onde os meus textos alcançavam mais

peessoas, então eu recebia muitos comentários de mulheres que estavam passando por situações como a minha, ou que lembravam de uma situação, então de uma relação de memória afetiva muito forte com os meus textos, nos quais eu comecei a perceber que eu não passava por uma situação de experiências somente minhas mas podiam ser entendidas como experiências coletivas também, da diáspora, né? Pensando essa diáspora então que é uma diáspora negra em movimento e no qual essas mulheres estão sempre ali nos epicentros das revoluções, então. Se a gente foi voltar para o candomblé, o candomblé é uma religião matriarcal, fundada por mulheres. O candomblé enquanto instituição, eu acho que a gente conhece como hoje, com essa roupa que a gente vê e terreiros, em fim, as religiosidades negras no Brasil começam elas desde sempre, né? Desde a primeira vez que um negro aborda aqui, já começa essa relação de religiosidade porque ela é, ela é essa forma cosmológica de lidar com essas situações de opressão, em fim, então. Eu costumo falar assim, brincadas minhas falam que tem o efeito dessa mente que quando a gente vai pensar nessa diáspora que chega aqui, essa diáspora forçada de escravidão, a gente pode pensar que o negro, ele chega com três coisas, né? Ele chega com esse corpo, negro, debilitado, fisicamente, emocionalmente, né? As pessoas que conseguiram sobreviver a travessia de meses no navio negreiro, todas aquelas condições violentas que a gente já conhece. Então chega com um corpo, ele chega com a memória, que é uma memória corporal. Que é uma memória que passa pelo corpo, né? Essa relação do corpo negro, corpo africano, corpo afro-brasileiro, ela é muito forte, né? para a cultura africana. O corpo ele é o tempo, né? E ele chega com a fé. Que se manifesta através da memória, e que se manifesta a través do corpo. Então é essa tríade que acaba desenvolvendo todas essas relações que a gente entende como afro-diaspóricas. Não só o Brasil, o Caribe, as Américas, em fim. Então essas mulheres estão sempre aí.

MF: E depois do seu passo por *Blogueiras Negras*, como continuou o seu trabalho?

HN: E aí, em fim, escrevi algumas outras coisas no *Blogueiras*, assuntos sempre relacionados a estética. Essa estética que a gente entende como uma estética que passa pelo assunto da vestimenta. Que são varias estéticas, você pode falar de vários tipos de estéticas. E eu comecei a pensar basicamente nesse sentido da estética para falar de cabelo, falar de

vestimenta, e acho que terminei de escrever no 2015 talvez. Eu não escrevi muito, não fiz muitos artigos. Fiquei aqueles dois anos fazendo algumas coisas e também foi um ciclo que se encerrou quando eu comecei mestrado, então uma coisa levou a outra. Então eu acho que o *Blogueiras Negras* foi importante para ser dispositivo, para entender que a escrita de fato é um lugar onde eu gostaria de estar, um lugar onde eu conseguia produzir conhecimento, um lugar onde eu conseguia discutir esses assuntos que pareciam meus mas de fato não eram e que me levaram ao mestrado, me levaram a produção acadêmica, me levaram...essas coisas foram se adiantando.

MF: E começar a trabalhar aqui no *Red Bull* como assistente de curadoria que também é diferente, não é?

HN: Sim, eu nunca pensei em trabalhar com curadoria, ou com artes visuais diretamente. Mas então eu fiz esse trabalho no 2015 e no 2016 com a Diane, com ela através do AfroT, do Afrotranscendência...

MF: ¿Pode contar mais um pouco sobre isso?

HN: Que foi super bacana. Assim eh...foi um salto, um tiro, uma coisa que eu fiz. Eu fiz a produção, coordenação de projeto e foi aqui, né? As sessões foram aqui. E aí depois que eu fiz esse trabalho, o Fernando Velásquez que é o atual curador me chamou como assistente dele. E foi super bacana porque quando eu vim trabalhar aqui eu era a única negra que estava no escritório. Porque os outros negros estavam nessas posições ditas subalternas, como na mesa e segurança. E não tinha negros no escritório, em posições de produção, curadoria, programação, direção. Então isso foi complicado para mim no sentido de achar poxa, ¿será que eu vou conseguir? Porque é muito isso. Assim, o lugar acadêmico, o lugar de produção de conhecimento de arte, por mais que alguns negros tenham acesso, somos os poucos ainda, né? Não é só a produção de conhecimento, não é só a produção artística, há a elaboração do ser negro. Então quando você se entende, quando você se vê nesse lugar, onde você é geralmente uma ou duas, você acaba se questionando a capacidade que você tem para estar ali. Porque você não tem pares, você não tem o histórico de pares, de

pessoas semelhantes a você. Então eu me questionei muitas vezes aqui, em fim, né? As vezes você tem que conversar em inglês, e o meu inglês ele é um inglês que não é um fluente, então até eu destravar já vim a eu conseguir entender que eu falo bem, né? Até poder conversar com uma pessoa. Eu não estudei em nenhum colégio britânico ou não estudei fora, não fiz intercambio. Então tinha essas amarras que eu diariamente vou quebrando, assim. Diariamente.

MF: E voltando a questão do feminismo, ¿você se considera feminista?

HN: Eu fico me perguntando isso, eu tento estudar, tento ver o que é que as mulheres estão produzindo sobre o feminismo hoje, então a gente tem a Djamila, a gente tem algumas mulheres que estão pensando nisso. Mas é importante a gente lembrar que a gente não inventa a roda agora, que a gente tem as mulheres aí. E aí eu fico me questionando, ¿que é ser feminista? Será que a minha avó, Maria Joana, uma mulher maranhista, do Pedreras, que foi para São Luís na década do cinquenta, ¿será que ela não seria uma mulher feminista? Tinha dois filhos, trabalhando numa casa de família, virou pedagoga. Aí eu lembro também da minha tia avó Rosa, a irmã da Maria Joana, minha avó, que foi a primeira mulher da família a ter um título de mestra. Lá na década do setenta, no Maranhão, saída do interior do Maranhão, virando historiadora, virando professora. Então eu acho que esses feminismos eles podem ser entendidos de várias formas, e talvez eu enquadre enquanto feminista fazendo essas micropolíticas, fazendo essas microrrevoluções, né?

MF: É. Porque era isso o que eu ia perguntar, ¿o que é seria, como você definiria um feminismo?

HN: Eu definiria esse feminismo que é dinâmico. Que acontece aqui, dando essa entrevista para você. Acho que isso pode ser um ato de feminismo. Ou quando eu estou com o meu companheiro de casa e eu questiono alguma coisa, que é um cara incrível, mas que me ouve e aí a gente tem essa abertura para conversar. Quando estou na fila do mercado e vejo uma situação que eu acho que é errada que é com alguma outra mulher. Se eu vou e converso,

intervenho naquela situação, eu acho que esses são pequenos pontos que podem ser entendidos como esse feminismo plural que pode ser entendido de várias formas.

MF: E nesse sentido, ¿como você vê a relação entre as produções acadêmicas ou intelectuais feministas e os movimentos sociais, e uma questão mais ativista?

HN: Eu acho que a gente tem espaços, diversos, assim. Então. E vai muito no perfil de cada um. Tem gente que não vai ter paciência para ficar na academia. Que é um saco, muitas vezes. Tem gente que não tem a condição emocional e física muitas vezes de ir para a rua e de organizar as marchas, então eu acho que esses perfis de pessoas diversas servem exatamente para ter gente em cada cantinho, fazendo essas microrrevoluções, sabe? Então tem uma mulher negra que esta na academia assim como eu lutando ali, muitas vezes tem a dificuldade para chegar ao mestrado, tem dificuldades para tirar Xérox, como ato de feminismo porque geralmente essas pesquisas que a gente vem desenvolvendo na academia, nós mulheres negras, elas geralmente, principalmente, na humanidades, né? Elas estão relacionadas as nossas relações, então elas estão relacionadas as nossas histórias, não é a toa que uma pesquisa sobre a estética, indumentária de candomblé, focando ainda mais a minha pesquisa para as mulheres então quando eu estudar o Redandá, que é o meu terreiro onde eu faço pesquisa, eu entrevistei a várias pessoas, homens e mulheres mas eu fiz, eu faço um recorte mensurável, mas eu faço um recorte para falar do feminino, né? Eu direciono a minha pesquisa para as saias. Eu direciono a minha pesquisa para os bordados, eu direciono a minha pesquisa para as mulheres que fazem as roupas no terreiro. Que são essas mulheres que estão fomentando essa estética do cuidado, essa estética de adornar a divindade. Então se você vai fazer uma roupa de santo, das conversas que eu tive, você tem um preparo para isso, então elas não bebem não formam parte das roupas que elas estão costurando. Há toda uma, são na maioria mulheres que fazem isso ainda, né? Então, não há como a gente não direcionar. Em todos os nossos estudos, as nossas atividades, elas estão até indiretamente elas estão ligadas a questão da mulher, do feminismo negro que eu acho que a gente esta...Eu acho que a gente não vai ver isso em sua plenitude. Eu tinha essa urgência. E sofria muito por isso. Então queria, brigava e não sei que. E eu falei, eu não vou ver isso, estou fazendo uma parte do terreiro, quem sabe minha bisneta veja. Eu não sei. E

eu acho que é exatamente isso, a gente pensar que a gente deixa um terreiro melhor para os próximos, né? São cento e trinta anos da abolição da escravidão, né? Então se a gente pensar que foram mais de quatro séculos, para cento e trinta, então eu acho que não da muito, né?

MF: E no seu trabalho em particular como é que essa relação, porque o que eu vejo pelo que você disse, pelo que eu tenho lido, uma relação bem importante entre a questão material, e a questão do corpo, e a questão da identidade e também de uma ancestralidade, né? ¿Como você acha essa, porque é interessante porque quando você faz essas entrevistas ou olha essas experiências tem também como uma experiência assim, muito concreta. ¿Como é a questão de uma tradução depois para uma escrita?

HN: Pois é, essa é uma das dúvidas que eu trago, eu coloco na introdução da minha pesquisa. Como a gente dizer então de forma escrita as oralidades de uma comunidade, de um terreiro, né? Porque é isso, o candomblé em sua totalidade é uma religião de origem oral, de transmissões de conhecimentos orais, então os conhecimentos que são passados de mais velhos para mais novos, através da fala e da observação. Então quando você se propõe fazer roupa de santo, ser um membro de uma comunidade de candomblé, de umbanda, dessas religiosidades negras que são muitas, você vai, você começa a observar, ninguém vai te falar nada, assim. E isso eu percebi na pesquisa. E eu lá, a louca, querendo terminar um mestrado. Eu chegava, queria entrevistar, queria gravar, queria... e as pessoas...e aí eu percebi que não era assim. Então eu vi varias coisas, observei varias coisas que não estão na pesquisa porque ficaram para mim, ou nas entrevistas varias pessoas falaram: olha, eu gostaria que você não gravasse essa parte, ou estou te falando isso mas eu gostaria não entrasse, e dizia algo incrível, que poderia talvez mudar o rumo da pesquisa. Mas que eu entendi que não poderia usar ali.

E a questão material especificamente, é muito interessante a gente pensar esse caminho então. Se a gente pensa que o candomblé se estrutura, começa se estruturar nessa ideia que a gente encontra até hoje, nessa formação de terreiro, com vários filhos, com um líder, a gente não vê isso na África, né? A gente não tem candomblé em África. Essa

formação de candomblé enquanto instituição religiosa que a gente entende hoje, ela nasce no Brasil, e deu começo a diáspora. Então não é à toa que a gente chama de pai santo, de mãe santa, porque no processo de escravidão, por mais que insistisse em famílias, né? O Robert Slenes fala dessa importância da família negra, a família cativa, a família escravizada, mas o candomblé e esses terreiros eles se organizam nessas formas de família, onde tem os familiares mesmos, de uma reconstituição de uma família que foi desfeita no processo de escravidão. E aí essas manualidades, essas são aprendidas no olhar, no contato...fazer um bordado isso demora muito tempo para você conseguir aprender, você tem que observar e ir tentando, então eu conversei com a Kuanza que é uma *equede* que é essa figura, dessa mulher que não incorpora e que dentro de muitas funções tem a função de vestir as divindades, ela começou a fazer roupa de santo com talvez dez anos de idade. Vem da mãe dela...acho que talvez não dez, mas sei lá, quinze anos. Vem da mãe dela fazer. E ela lembra até hoje da saia, a primeira saia que ela fez,`a mão, então, e essa materialidade ela esta imbuída quando a gente pensa em escravizados numa situação de extrema violência, e a gente pode dividir escravizados campos, escravizados cidade, escravizados na cidade tinham essa possibilidade de se adornar muito mais fácil, em fim é todo muito mais fácil de você achar. E a cidade é o lugar onde os escravizados serviam como tela das riquezas dos seus senhores. Então nesses momentos de festividades são momentos públicos como a missa do domingo, por exemplo, é muito comum a gente ver movimentações no século XIX, XVIII, XIX, dessas mulheres principalmente escravizadas que vão totalmente adornadas pelo seus senhores como prova da sua riqueza. Então é muito louco pensar que o corpo negro ele serve como cabide, mas que também para essas mulheres a importância de se adornar, tinha né? Tinha uma importância, tinha uma importância por mais que aqui fosse uma encenação, em fim. Para uma sociedade na qual o negro não tinha autonomia do seu próprio corpo, né? O corpo era mercadoria, ¿o que será que era para essas mulheres? E mais, a gente vê a estética da indumentária da mulher, a indumentária da Bahia, que é, que compõe basicamente as roupas das mulheres, ela é formada por uma saia rodada, que é uma influencia claramente europeia. Ela tem um penta costa que é uma influencia africana principalmente da Nigéria, ela tem um turbante que é isso o que eu trago hoje na minha cabeça, trezentos anos depois, que é uma influencia afro-islâmica. Então a indumentária ela é sincrética, nesse sincretismo que encontra as diversas

linguagens. E como é que se dão todas essas negociações no corpo negro que esta ali nessa sociedade escravista? E essa roupa, as estruturas a gente percebe até hoje. Por que é que a gente não dança no candomblé, não reza no candomblé de calça e camiseta? Qual é que é a importância real da roupa? Por que é que isso se mantém até hoje?

MF: Nossa, que incrível. Então, e voltando para a questão do movimento feminista. ¿Qual é a relação que você vê entre um movimento feminista negro, e um movimento feminista de mulheres brancas, mais tradicional?

HN: Coisas totalmente diferentes. Porque são demandas totalmente diferentes, né? Porque a mulher negra por além do mais, ela tem o racismo. E é isso. Basicamente é isso. A estrutura é essa. E é muito difícil porque a gente vê umas rupturas, umas divergências, né? Muitas vezes dos feminismos, principalmente na internet, né? Então, esses lugares, essas redes sociais que servem como lugar para encontro, para conversas, muitas vezes servem também para discussões, e rupturas, e violências. A internet causa essa confusão. E aí são coisas diferentes. Eu acho, que as mulheres negras, estou pensando nos negros no geral, as mulheres negras estão á frente. Porque elas estão pensando aí, elas estão pensando academicamente, elas estão apontando ideias, elas estão mexendo as coisas todas. Então elas também estão pensando nossas nacionalidades, em fim. Mas as mulheres negras elas estão na frente...né?

MF: Com certeza. Eu cheguei aqui e realmente fiquei muito surpreendida, da visibilidade, da importância, da relevância das mulheres feministas negras e a discussão, a visibilidade que elas têm atualmente.

HN: É que a gente entendeu que a gente tem o fator racismo, que deixa tudo mais complexo, de fato é isso. E é tudo muito difícil então se a gente tem uma mulher negra como eu, sofro varias coisas, varias violências, mas eu tenho privilégios de ser uma mulher magra, de ser uma mulher hétero, né? Que tem acesso a certos tipos de lugares, que vem, cresci no Osasco, minha família é de Osasco, de uma periferia de Osasco, mas eu sempre tive acesso a varias coisas, então assim. Né? Então as diversas mulheres negras periféricas mesmo, sabe?

Lá do campo redondo. Lá da zona sul, vindo fazer essas peças de teatro, a gente tem as capulanas, a gente tem essas mulheres que estão movimentando essas estruturas. De várias formas, e a arte é uma forma de movimentar essas estruturas, de comunicar... a escrita acadêmica é uma outra forma.

E eu enxergo esses feminismos de forma totalmente diferente, acho que a gente pode conversar, sim. E a ideia é que isso aconteça cada vez mais, para que a gente consiga, eu acho que a gente nunca...também não há necessidade de ter uma união. Eu acho que são muitas diferenças para que isso aconteça e eu acho que isso não precisa acontecer. A gente precisa se respeitar. Acho que as mulheres brancas precisam ouvir muito ainda mais. Muito mais. Eu vejo muitos casos de mulheres brancas que se ofendem, se incomodam muitas vezes e elas estão com elas não querem ouvir, são séculos, né? Mulheres todas brancas, amarelas, negras sempre foram oprimidas, né? A gente sabe, né? Mas a questão específica do racismo, a questão da colonialidade, da escravidão, ela persiste até hoje. E as mulheres negras descobriram isso já há um tempo. E a gente consegue falar. Cada vez mais. Então a minha avó está lá no Maranhão, fazendo as peças de tela até hoje com oitenta e quatro anos. Eu considero minha avó Maria Joana uma feminista. Eu considero minha mãe Regina uma feminista quando ela decidiu terminar o casamento de trinta e três anos com um homem negro e tocar a vida dela sozinha.

MF: E como você acha que vai evoluir o movimento feminista negro aqui no Brasil?

HN: Eu acho que cada vez mais a gente tem a tendência de mulheres negras acadêmicas. E eu acho que esse lugar de produção de conhecimento...me inspira muito em mulheres como Sueli Carneiro, como Conceição Evaristo. Principalmente eu tenho muita proximidade com a obra da Conceição através dos livros dela. Onde ela consegue transpor o universo negro feminino através da sua literatura de uma forma que, é isso, eu começo a ler os livros da Conceição e eu demoro meses para terminar. porque às vezes são livros curtos, mas é tudo tão sofrido e aquilo me diz tão respeito que eu demoro. E eu acho que essa tendência da gente de produzir conhecimento. Não que a academia seja o único lugar para produzir conhecimento. A gente produz conhecimento no terreiro, como as mães de santo que estão

produzindo conhecimento também, a gente produz conhecimento quando faz teatro de rua, quando a gente esta desfilando nas escolas de samba, com mais autonomia do corpo, do próprio corpo, mas eu acho que a academia é um lugar fundamental.

MF: Sim, por uma questão de visibilidade e que é a legitimação também...

HN: Visibilidade e como legitimação desses saberes negros. Porque é isso, a minha dissertação escrita é uma produção de conhecimento acadêmica, né? E os meus traços negros estão imbuídos ali, né?

MF: E qual você acha que é a relação entre o movimento feminista negro aqui no Brasil com o movimento feminista ou movimentos sociais em outros países? Nos Estados Unidos ou na América Latina.

HN: Confesso que a essa parte eu não estou tão atenta. Então... eu acho que pelo que tenho pensado dos Estados Unidos desde há algum tempo, negros como todo se organizaram de uma forma diferente. Lá por conta da segregação racial. Então cria-se uma burguesia negra e aí cria-se um universo que agora esta começando a fazer aqui no Brasil também. Então acho que eu não sei, não sei acho como responder a essa pergunta, mas eu acho que cada vez mais através de internet a gente consegue-se conectar com essas mulheres negras de outros lugares, conversar com essas mulheres negras de outros lugares, ver o que elas estão fazendo, mostrar o que a gente faz aqui. Eu acho que essas trocas são fundamentais para que a gente... Cada vez mais eu acho que a tendência é seguir juntas.

MF: E em relação ao seu próprio trabalho, ¿você vê que tem conexões ou que pode ter conexões com outros trabalhos de outros países, de outros pesquisadores? Ou talvez, é porque esta a questão da religião...

HN: Sim, eu me conectei com a...tenho esquecido o nome...ela é da Martinica. Vou pesquisar aqui. Ela é...uma pesquisadora negra que vem fazer um estudo aqui também no Brasil e ela pesquisou um pouco da relação da indumentária. Não é uma pesquisadora central. É uma

pesquisadora da indumentária centro-africana. Que tem muito a ver com a minha pesquisa. E eu aí fui vi os textos e não tinha visto a foto dela. Fui a ver os textos dela e aí vi que ela era negra. E eu fiquei encantada. Poxa, que legal. E aí conversei com o meu inglês basico. E aí ela foi super receptiva. E eu acho que é isso, assim. Quando eu encontro mulheres académicas negras aqui no Brasil ou em outros lugares eu sempre procuro conversar com elas.

MF: Estabelecer redes, contatos.

HN: Isso. Mostrar meu trabalho, conhecer o delas. E eu acho que a gente vai costurando por aí.

MF: Com certeza. Muito obrigada. ¿Quer adicionar mais alguma coisa?

HN: Eu me sinto muito feliz de poder dar esta entrevista para esse projeto, acho que é importante...confesso que fiquei um pouquinho com o pé atrás. Mas acho que é importante do mesmo rever e discutir de essas coisas todas. E que legal que você esta pesquisando isso e ouvindo essas mulheres, eu acho que é isso.

MF: Com certeza.

HN: É. E construir essa pesquisa dando muita atenção para esses discursos nossos. Não...é isso, né? A gente tenta sair da função de objeto, para ser o sujeito pesquisador, mas acho que quanto mais assuntos, pesquisas forem feitas sobre nós, feitas por nós mulheres negras ou não exatamente, mas se não com essas vozes costuradas de uma forma que a gente consiga entender essas mulheres de em quanto sujeito também, é um sucesso.

MF: Eu concordo plenamente. Eu penso que sempre é como meu pensamento, né? Sempre pensar em fazer uma produção de conhecimento coletiva. Então para mim é fundamental. Que é uma questão de relação e não é...mais de uma relação de produção em conjunto e não de uma relação que é...

HN: Objeto-pesquisador, mais à distancia...

MF: Exatamente. Ou de fora, somente fazendo uma leitura sobre o que é produzido e do que outros dizem. Eu acho fundamental. E em relação ao projeto eu acho fundamental incluir vozes jovens, novas, que estejam aqui trabalhando, atuando no Brasil e que é importante.

HN: Obrigada.

MF: Muito obrigada.